

O SERINGUEIRO E O PEQUENO AGRICULTOR DE RONDÔNIA: AS ESPECIFICIDADES DAS REPRESENTAÇÕES E DO OLHAR SOBRE A NATUREZA¹

José Evandro Bastos Oliveira²

RESUMO: Em sentido estrito, este artigo procura analisar a obra de Teixeira(1999) que investiga a hipótese de que populações de extratores da floresta tropical(os seringueiros) e populações de agricultores(os colonos) possuem distintas visões sobre o mundo natural. Dado o enfoque específico deste artigo, tudo o mais que não se relaciona ao seu propósito será ignorado. Assim, não serão considerados os aspectos históricos extrativistas e os conflitos de desapropriações e de violência, ou outros, embora tenham, também merecido a atenção daquele autor.

PALAVRAS-CHAVES: Seringueiro; Colonização; Natureza; Meio ambiente.

ABSTRACT: In strict sense, this article tries to analyze the work of Teixeira(1999) that investigates the hypothesis that populations of extractors of the tropical forest (the seringueiros) and farmers' populations (the colonists) they possess different visions on the natural world. Given the specific focus of this article, everything the more than he/she doesn't link to your purpose it will be ignorado. Assim, the aspects historical extrativistas and the conflicts of dispossessions won't be considered and of violence, or other, although they have, also deserved that author's attention.

KEYWORD: Seringueiro; Colonization; Nature; Environment.

Introdução

Este artigo é, antes de tudo, uma reflexão inicial em torno das idéias que conduzem duas formas de olhar: a do seringueiro e a do colono que migrou para

¹Artigo escrito como exigência para avaliação das disciplinas Populações Tradicionais e Desenvolvimento Regional ministrada pelo Prof.Dr.Josué da Costa Silva e Antropologia Social, ministrada pela Prof.^a Dr^a Arneide Bandeira Cemin, ambas do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Rondônia- UNIR

² Professor do Departamento de Economia da UNIR e mestrando em Desenvolvimento Regional.

Rondônia, sobre muitas questões de seu cotidiano, mas, em especial, àquelas afetas às relações sociais e de produção.

O seringueiro, aqui entendido como alguém integrante de

... uma categoria de trabalhadores(cujas especificidades regionais já não levam em conta somente a extração da borracha,pois muitos deles já não extraem látex, ou a atividade tem se tornado secundária) mas por comportar peculiaridades como a visão singular da floresta, e a significação que dão a ela e por conseguinte o modo de vida constituído. (SANTOS, 2002)

Este autor apresenta um olhar mítico, apegado a seu lugar, como lócus que reflete sua história de vida, compreendido como fundamento de seu passado, de seu presente e de suas perspectivas de futuro. Enquanto isso, o colono ou pequeno agricultor rural, que migrou para Rondônia, vizinho daquele, mas à distância situado, porquanto, instala-se, preferencialmente, mais à margem das rodovias, e nas proximidades da infra-estrutura urbana, revela um olhar, geralmente, de não apego ao lugar, ou às suas características originais, mais perscrutadores da exploração agropecuária e com bases nitidamente econômicas. Desses processos, aparentemente inconciliáveis, resulta uma riqueza de manifestações que precisa ser estudada, para melhor entendimento.

Teixeira enfoca com muita propriedade esse duplo olhar, caracterizando, de um lado, a *visão de natureza* dos seringueiros e, de outro, a dos colonos que migraram para Rondônia. Na apresentação (1999, p.17), o objetivo está explicitado:

Este trabalho se refere à colonização em Rondônia no período de 1970-1990 e visa discutir as relações entre vários grupos(colonos, seringueiros, caboclos e índios) que se encontram numa determinada região de fronteira agrícola. Busco estudar a natureza dos processos sociais que os envolve, especialmente a luta pela terra e pela apropriação da natureza bem como os efeitos ecológicos que deles decorrem. Além disso, o trabalho põe em evidência as representações culturais que esses grupos constroem a respeito da natureza, possibilitando dessa maneira a elaboração de uma visão compreensiva de suas práticas sociais.

Merece especial atenção o fato de Teixeira não demonstrar interesse em analisar o quadro mais amplo em que se dá o processo de colonização em Rondônia, nele incluída sua dimensão econômica. Assim, ele não põe em relevo as relações econômicas, mas destaca o fato de que os personagens que entrevistou-

seringueiros e colonos – viveram certas circunstâncias e experiências que destacam outras facetas da questão. Ele se expressa (1999,p.52):

O que está em jogo, portanto, é a percepção de que o dado econômico incrustado naquelas relações adquire ali uma função subjetiva, cultural, introduzindo-se desse modo no espaço em que se dá o encontro entre homens, e um intercâmbio entre coisas. O econômico, assim, afasta-se daquilo que poderia ser sua determinação precípua- a de esclarecer a própria natureza do processo econômico: o lucro, a concorrência, a competição, etc. – para converter-se num instrumento da linguagem daqueles sujeitos e de orientação de suas condutas.

Ao contrário, Teixeira (1999, p.52) esclarece:

Desejo em suma refletir sobre um determinado curso em que vem se dando o processo de mudança em Rondônia, buscando compreendê-lo por meio do contato entre diferentes segmentos da sociedade nacional, subordinando tal enfoque a um campo que me parece recair essencialmente em sua dimensão ideológica.

Embora contextualize aspectos da migração em Rondônia, Teixeira não analisa a dimensão étnica, muito menos faz uma abordagem de culturas particulares. O seu objeto de estudo fica evidenciado quando se propõe a “observar por meio do discurso de atores privilegiados o impacto que a colonização produziu no âmbito das culturas locais, e, assim, traduzi-lo numa linguagem minimamente compreensível”(1999,p.57).

Afirma que os seringueiros constituem um grupo étnico mais amplo, como os vaqueiros do agreste ou os mineiros de carvão de Santa Catarina, *os brasileiros*, e se encontram, “*nos mesmos limites da nossa formação histórica e social*”(1999, p.57).

Para realçar a situação de animosidade entre colonos e seringueiros, Teixeira declara(1999, p.57) que os colonos como migrantes que para cá vieram reconhecem que” o seringueiro - e em geral os grupos locais mais antigos - constitui um obstáculo aos seus objetivos, fato que transparece tanto no nível econômico em que, por exemplo, pretende-se excluí-lo da posse da terra, como no nível ideológico em que como foi afirmado, “*toda uma crosta de preconceitos e estereótipos*” o tem como um ser “ inferior”.

A natureza e os olhares

É emblemática a exposição apresentada sobre o olhar de cada um em relação a uma árvore da região, a castanheira, que bem representa a natureza (1999, p.68):

O olhar do colono:

Ah!...a mata é uma coisa linda, né?...Mas esse desmatamento está acabando com tudo...Ninguém deixa uma árvores de castanha no meio de uma roça de cacau, porque ela pode ser prejudicial ao próprio trabalho.(Por ela ser) uma árvore muito alta, então é um perigo(!) quando cai uma fruta daquela(um ouriço).....Na região que a gente trabalha é perigoso ter uma árvore daquela produzindo!....(Um colono de Ariquemes)

O olhar do seringueiro:

Para nós, seringueiros e amazonenses, a castanheira significa coisa de muita utilidade...Olhamos para a castanheira faturando a nova safra que nos dá a cada ano...Hoje, sentimos piedade quando vemos a castanheira e a seringueira, que consideramos quase como nossa Mãe, sendo dilacerada pela moto-serra, levada para a serraria,chegando ao fim da sua existência!...(Um seringueiro em Ariquemes)

A despeito de, praticamente, ocuparem o mesmo espaço, o seringueiro e o colono, estão em permanente situação de conflito na forma como se apropriam dos recursos da natureza. Nasce e floresce uma disputa, entre eles e a natureza, criando um conflito e revelando o contraste de representações que sobre ela cada um elabora.Como a seguir, revela o texto (1999, p.68):

Assim, se na avaliação do seringueiro a árvore que produz o fruto – as amêndoas de castanha – adquire o valor de uma dádiva da natureza, na do colono ela se associa a uma zona de perigo.O colono, entretanto, vai aos poucos superando essa concepção, à medida que se vê compelido a utilizar-se da natureza para solucionar as dificuldades que encontra.E isso ocorre em vários setores, desde os que se referem ao meio físico: às chuvas, ao calor, à umidade,etc., até aos mais imediatamente relacionados à alimentação e à saúde.

Teixeira enfatiza a natureza e sua relação com o imaginário e o vivido e destaca que ao pensar sobre o seringal seu olhar se debruça para a visão mágica e ameaçadora que a natureza assume para o homem. Para ele (1999, p.139)

Estando-se assim na mata – situação mais freqüente para o seringueiro- o esturro ameaçador da onça, o bote traiçoeiro da cobra, o canto soturno do pássaro, a lembrança de almas penadas que freqüentam sepulturas abandonadas, o encontro com a Mãe da Mata ou com o Curupira, tudo isso é capaz de provocar no homem um sentimento de apreensão e medo.

Considerando o momento tenso de graves conflitos pela terra caracterizada pela época em que o autor elaborou sua tese de doutorado e que veio a ser publicada sob a forma do livro ora objeto desta análise, Teixeira destaca (1999, p.139) que tal momento que ele define como *doloroso e dramático* possibilitou aos seringueiros de Rondônia *uma certa recuperação de seu mundo mítico*. Assim, nas diversas entrevistas que ele realizou, ouviu muitos relatos que reforçam os detalhes do imaginário e se constitui em “um conjunto de crenças e representações sobre a natureza que os seringueiros foram incorporando ao universo da sua cultura”.

Segundo Teixeira (1999, p.139-140) *essas histórias*- narradas por seringueiros – “fazem da natureza um território habitado por seres que, via de regra, adquirem forma humana, indicando, talvez, que nela se reproduz a sociedade dos homens”. Ao citar uma conversa, Teixeira esclarece (1999, p.140):

aquele seringueiro de Ariquemes(...) diz que da mesma forma que nós possuímos ao redor da nossa casa uma criação doméstica que cuidamos de proteger e alimentar, o mesmo ocorre com a natureza- e natureza para ele é a mata- onde existe alguém encarregado de zelar por tudo aquilo que faz parte de sua criação: os animais, as aves, os peixes, as árvores, enfim, todos os seres que a habitam.

Como as histórias acham-se incluídas em espaços diferenciados, recortando com enredos próprios o imaginário dos seringueiros, Teixeira trata de distribuí-las nesses espaços: ele descreve o tríplice espaço, o da mata, o da estrada e o da casa.

No espaço da mata são destacadas as histórias: o dono dos porcos e o pai da mata. (entidades que guardam a natureza contra a depredação feita pelo homem). No espaço da estrada, a mãe da seringa, os três homens pretos, João da serra, a panema do tatu. No espaço da casa, a aparição da alma de Antonio Bento.

No espaço da mata, as histórias (1999, p.159):

refletem o conflito que se desenvolve em torno da apropriação da natureza e de seus meios de sobrevivência, conflito que envolve, além dos homens, os seres com os quais eles se encontram no meio da mata. Mas esses seres, é bom frisar, não habitam regularmente o espaço em que se pratica a caça aos animais, pois vêm de outros lugares, da mata longínqua e desconhecida onde têm suas moradas. É pois essa outra mata, oposta àquela ocasionalmente ocupada, que corresponde ao imaginário(...). E é lá que, como esses seres encantados, eles se vêem com aqueles com quem partilham o convívio ou, ao contrário, os têm ali para submetê-los a castigos”.

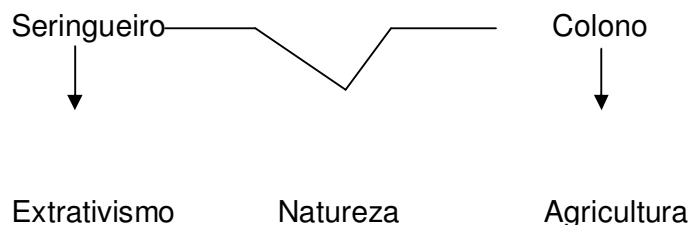
No segundo espaço, que o autor define como nível intermediário, mais próximo do ambiente doméstico (1999, p.157):

incluem-se as estórias que se passam nas estradas, cujos enredos possuem traços comuns. Assim, além de se referirem ao trabalho extrativo, chamam a atenção para a necessidade da ordem que deve prevalecer naquele meio. Nesse sentido há nas cercanias das estradas entidades especiais, como a Mãe da Seringa, a quem os extratores devem invocar proteção para obterem bons resultados em seus trabalhos. E há, ali, vigiando a natureza, os Curupiras (como os Três Homens Pretos) prontos para impedir que aqueles mesmos extratores ultrapassem os limites da área em que trabalham”.

Finalmente, no terceiro espaço, incluem-se as estórias (1999, p.157) “ *que se referem ao cotidiano vivido nas colocações*”, e consistem, basicamente, de assombrações e almas penadas e ações inadequadas entre seres humanos, como maltratar ou ofender uma mulher.

Diferentemente, o colono típico não dispõe desse olhar mítico e seu imaginário certamente está povoado de sonhos de riqueza e fartura na lavoura, até por que será transvertido de “bóia-fria”, “posseiro” ou pequeno sitiante em proprietário de terras na Amazônia.

Ao comparar as relações sociais e produtivas extrativismo/agricultura, Teixeira conduz e forma teias de raciocínio para analisar as transformações que ocorrem no meio ecológico de Rondônia. Para tanto, ele usa como referência o próprio discurso do seringueiro e do colono (1999, p.202-203), ao caracterizar a relação segundo um diagrama:



Dessa relação surge o olhar que cada um põe e dispõe sobre a natureza. O olhar do seringueiro recobre situações variadas e contrasta, em várias ocasiões, com o que possui o colono. Colocar, lado a lado, esses olhares, poderia ser

indicado, mas segundo Teixeira incluiria o risco de se levar a fazer escolhas em favor de um ou de outro discurso.

Ao conversar com um seringueiro em Ariquemes, Teixeira cita o seguinte depoimento que manifesta um tipo de olhar sobre as alterações que foram produzidas pela colonização (1999, p.203):

Na parte dos rios e dos peixes nós(nos) sentimos prejudicados, porque antigamente existia fartura de peixe,caça,bicho de casco,tracajá,tartaruga.E hoje, com a chegada do pessoal novato, aglomerou muito o número de povos e aquelas coisas não existem mais. Até mesmo os rios que é da natureza, que homem nenhum fez, e que não pode ser vendido, as pessoas que receberam terra embeijando aquele rio querem dominar aquele pedaço. Ali ninguém pesca e nem faz uso daquela água; nem para piquenique ou para tomar banho. Tudo é proibido por aquele que recebeu terra encostado naquele rio.

Desse depoimento, Teixeira extrai três aspectos que analisa: inicialmente, a natureza sendo um imenso reservatório de riquezas e não resultante do trabalho humano, é, necessariamente, um bem inegociável. Em segundo lugar, e como corolário da assertiva anterior, a natureza por dispor de variadas fontes de sobrevivência, necessita do esforço concentrado, com ações coordenadas e sistemáticas, para assegurar sua preservação, por todos, mas, diretamente, por parte daqueles que a ela têm acesso. E, finalmente, conclui que muitas foram utilizadas para apropriação da natureza resultam em prejuízo para seu equilíbrio, além do desaparecimento de grupos ou pessoas que dela dependem para sobreviver.

O modelo econômico que define sua atividade conduz os seringueiros a atribuir toda a importância aos recursos existentes na mata. Esse modelo desde seu início procurou afastá-los da natureza, como em relação ao uso da caça, proibido pelos seringalistas que, embora tal prática tenha, ao longo do tempo, sido pouco a pouco relegada, nunca desapareceu por completo.Ao contrário, as restrições impostas aos seringueiros foram sendo ajustadas aos impactos experimentados pela economia da borracha, sempre sujeita a freqüentes oscilações de valor e preço, obrigando os componentes da cadeia produtiva a não diversificarem seus negócios.

As restrições que eram impostas aos seringueiros visavam, acima de tudo, garantir a especialização do modelo exportador, assegurando que a borracha continuasse sendo explorada como um bem exclusivo. Nesse contexto, destaca-se o

fato de que certamente por isso a borracha tenha alcançado significativo valor, durante algum tempo, na pauta brasileira de exportações, apenas atrás do café. A alimentação do seringueiro era assegurada pelo abastecimento diretamente dos barracões, em um típico sistema de crédito, utilizando-se livros de contas-correntes, onde eram assinaladas e descritas todas as retiradas de mantimentos. Como os seringueiros eram obrigados a consumir o que havia no barracão, ficava, em muito, restrita a alternativa de caça.

Descreve, também, Teixeira (1999, p.204-205) que era por demais discreto o adensamento humano no seringal. Mesmo considerando a transferência de um pequeno exército de trabalhadores para a Amazônia, no período de 1877 a 1912, isso pouco afetou a estrutura da ocupação econômica:

Com relação aos seringais, por exemplo, uma colocação que estivesse instalada numa área de 300 ou 400 hectares (média aproximada dessas unidades) era ocupada por um número reduzido de pessoas – oito ou dez trabalhadores -, às vezes até por um único indivíduo! Isso que dizer que a pressão exercida sobre os recursos (alimentos) existentes na mata – sem falar, é claro, das populações indígenas que lá viviam – era mínima. E ainda que esse consumo pudesse se dar numa escala maior – com a liberação das restrições a que me referi – os seringueiros não teriam como fazê-lo, pois não possuíam locais adequados para armazenar os animais abatidos e não dispunham de suprimentos (armas, munição, etc.) para caçá-los nem produtos (sal) em quantidade suficiente para conservá-los.

O próprio modelo econômico, então, acabou impondo os limites à intervenção dos seringueiros, obrigando-os a (1999:205) “*um certo comedimento em suas iniciativas para apropriar-se da natureza*”.

Aliada ao exercício desse *comedimento*, o seringueiro atuava de forma explicitamente preservacionista quando cumpria os regulamentos de extração e coleta do látex; para tanto, utilizavam os proprietários dos seringais da pessoa de um funcionário, “o fiscal”, que tinha por função orientar e observar o acerto da técnica do corte da árvore, multando o seringueiro, quando fosse o caso de anormalidades. Cita Teixeira (1999:206) o desabafo de um seringueiro da região do Madeira: “*a seringa- dizia – é como um animal que a gente cria: se a gente trata bem da madeira ela dá muito leite*”.

Ao comparar a árvore ao animal, o seringueiro produz duplo significado: atribui uma certa perenidade e atesta a idéia de que o extrativismo pode alcançar bons resultados econômicos.

Quanto à realidade do colono, a história é outra.

Enquanto o seringueiro, de certa forma, podia contar com uma infra-estrutura do barracão, que lhe fornecia um local de morada e uma quota de alimentos, o colono que migrou para Rondônia, ao chegar, viu-se desprovido de qualquer benefício.

Ao analisar a questão sob o enfoque do colono migrante, Teixeira (1999,p.207) destaca duplo aspecto: 1) que a população que se deslocou para Rondônia foi assentada em uma faixa de cerca de 800 km de extensão ao longo da rodovia BR- 364, entre os municípios de Porto Velho e Vilhena; 2) que o crescimento dessa população foi vertiginoso, porquanto 791.751 migrantes chegaram a Rondônia,entre os anos de 1979 e 1987.

Ao chegar, o migrante permanecia na sede do projeto aguardando ser selecionado pelo Instituto Nacional de Colonização Agrícola – INCRA, para, então, receber seu lote.

Nesta fase e, em muitos casos, mesmo quando já estavam em seus lotes, muitos colonos procuravam sobreviver de várias formas: pediam ajuda à quem podia lhes emprestar, ou trabalhavam em serrarias ou oficinas mecânicas, extraindo madeira na mata, ou, quase sempre, empregando-se como diaristas em desmatamentos, para outros mais abastados, ou, simplesmente, que já estavam há mais tempo assentados em seus lotes e em melhores condições de vida.

As condições de sobrevivência do colono, segundo Teixeira (1999, p.209), situavam-se, então: 1) na esfera de uma rede de solidariedade em torno de amigos e parentes, e, 2) na esfera da exploração econômica, segundo relações com a natureza, de onde passa a retirar os meios para sua subsistência. Para tanto, ele articula o desmatamento feito para fixar a residência e abrir o roçado com a extração do látex, quando se estabelece em áreas ainda ocupadas por seringueiros, dando-se conta que pode imitá-los extraindo o látex das madeiras para vendê-lo nas vilas ou cidades; de outro lado, outras atividades passaram a ser exercida pelos colonos, destacando-se a caça e a extração de palmito.

Embora se ignore dados que permitam avaliar a extensão e o valor dessas atividades, deduz-se que contribuíram de certa forma para assegurar a sobrevivência do colono em seu início de vida nas novas terras amazônicas.

De igual modo, e com muito mais importância econômica, logo ao chegar ao seu lote, o colono procurava certificar-se da existência de madeiras nobres, basicamente mogno, cerejeira, cedro, dentre outras. Depois, as árvores eram abatidas e transportadas em toras e embarcadas para as madeireiras vizinhas ou para os estados do Sul e Sudeste.

Teixeira destaca (1999, p.213),então,que “ se o seringueiro recém-chegado pôde assumir com relação à natureza um certo distanciamento, quase restringindo sua ação à exploração da borracha, o colono, ao contrário, viu-se na contingência de explorá-la por inteiro, desnudando-a em toda a sua extensão com a finalidade de obter recursos para a sua sobrevivência”.

Considerações finais

Quando enfatiza o olhar do colono sobre a natureza, Teixeira observa que as práticas que o colono mantém com o novo meio se dão no âmbito da agricultura intensiva em que ele passa a utilizar meios técnicos postos à sua disposição. Na realidade, esse modelo lhe induz ao incremento de sua ação predatória.

A justificativa dessa ação é reforçada pelo depoimento (1999, p.214):

Aqui não se usa machado.É só moto-serra. Eu achava que era um crime a gente fazer aquilo, uma infelicidade...A gente tem dó de derrubar uma árvore(há) tanto tempo vivendo, por exemplo uma castanheira, dentro de cinco minutos a gente destrói ela.Mas o que a gente vai fazer? A parte desmatada que vai se usar pra lavoura não pode aí deixar a castanheira,(mesmo) porque o fogo passa e ela caba quebrando.

O raciocínio parece percorrer um caminho lógico em que o colono reconhece o uso da tecnologia que destrói o meio ambiente e isso lhe traz algum sofrimento. Mas ele parece conformar-se com a realidade ao justificar a ação praticada, porquanto é preciso derrubar a castanheira para evitar que o fruto - o ouriço – caia e sendo perigoso, possa *até matar*.

A natureza é vista pelo colono, não como sua aliada, pois está longe de sua cultura e constitui um obstáculo a ser vencido.

Para o colono, árvores como a castanheira, o açaizeiro, o cupuaçu, o jatobá e tantos outras espécies cujos frutos são muito apreciados pelas populações

tradicionais da região amazônica, revestem-se em fator impeditivo ao seu próprio trabalho.

Quando enfatiza o olhar do seringueiro sobre a natureza, Teixeira destaca que os seringueiros constituem um agrupamento originalmente nordestino que estabeleceu uma relação com a natureza de fortes e profundos vínculos, tão somente, em parte, comparáveis com as populações indígenas.

O seringueiro (1999, p.218-219) conhece a mata com detalhes, desde os lugares mais discretos onde sabem encontrar certo tipo de cipó que pode lhe saciar a sede, até outros mais específicos onde sabem haver a caça que lhe dá o alimento.

É com a mata, não com o rio, que o seringueiro articula a sua linguagem e elabora seus pensamentos. A mata, assim, adquire, para ele, o sentido mais amplo, uma categoria mais ampla, correspondendo à própria natureza.

A natureza é, nesse contexto, concebida exterior ao homem. Ela não somente envolve as plantas, os peixes, os animais silvestres e árvores, mas toda uma variedade de coisas e objetos que, transformados pelo homem, fornecem a ela mesma cor e sentido.

Finalmente, precisa ser destacado o fato de que quando colocados lado a lado, o seringueiro e o colono, ocorrem algo emblemático e que reflete as peculiaridades da mata amazônica. Após toda a luta e disputa por terras e passada a fase mais grave da problemática de ocupação em Rondônia, é válido, ao dar por terminada esta análise da obra de Teixeira, questionar-se sobre o contato entre esses dois olhares.

Como se encontram, atualmente, esses personagens: onde estão e o que fazem eles, seringueiros e colonos?

Cemin (1992, p.270) ao expor o papel da floresta no contexto do processo de colonização agrícola em Rondônia, afirma haver um espaço de junção e de transição de fatores físicos e sociais: de uma economia extrativista em relação a uma economia agrícola e da “reconversão” de extrativistas e de camponeses de regiões mecanizadas em desbravadores de floresta. E mais: ela conclui que esses espaços- de junção e transição – são representados por “ relações de estranhamento, dos homens entre si e com a natureza, e reencontro dos homens com as condições básicas de reprodução social”. E continua “ (...) a floresta constitui-se em um marco de continuidades e discontinuidades, expressas nas relações de estranhamento, que têm seu ponto crítico nos inúmeros processos de

perdas; e nas relações de reencontros que viabilizam a continuidade com as possibilidades de reprodução social”.

O colono migrante, de desbravador, constituiu-se em agricultor familiar, produtor de café, cacau e outras culturas agrícolas, além de pecuarista, com pequena criação de gado misto, vendendo para abate e produzindo leite. Buscou, assim, agregar valor às suas atividades, todas voltadas para o mercado.

E o seringueiro, que detinha outro olhar, que se embrenhava nas matas e lá permanecia por muito tempo, virou colono? Onde estará ele?

Reforçando a pergunta: ao identificar a acelerada e contínua perda da importância da economia centrada na atividade no seringueiro, qual o paradeiro do seringueiro, aquela pessoa que apresentava uma relação toda especial com a mata e com ela articulava sua linguagem e elaborava seus pensamentos?

A resposta a esta pergunta está em Silva (2002) que ao descrever a vida extrativista das comunidades ribeirinhas do rio Madeira afirma que a formação étnica do ribeirinho está mesclada por grupos indígenas e pela migração nordestina do primeiro e segundo ciclo da borracha. E mais (2002, p.67): “ Esse migrante nordestino traz o conceito de uma agricultura de subsistência e sua atividade é centrada no extrativismo que poucos puderam praticar e dedicar-se à produção agrícola. O conceito de extrativismo, o da agricultura de subsistência do indígena e do migrante nordestino fundiu-se caracterizando o modo de produzir e de vida do ribeirinho”.

Assim, o seringueiro deixando mais a mata e sua atividade extrativa, fixou-se à beira dos rios e seus afluentes, formando comunidades ribeirinhas. Embora, ainda, continue com seu olhar na mata, seus mitos e valores, ele dirige, também, para o rio o seu olhar, pois é dele que sai o seu sustento. Ele o usa como fonte de alimentos e faz dele o seu meio de transporte. E, assim, vivendo, ampliou seu imaginário: não mais, apenas, a mata e seus mistérios, mas, o rio e seu fascínio.

Referências bibliográficas

CEMIN, Arneide Bandeira. *Colonização e natureza: análise da relação social do homem com a natureza na colonização agrícola em Rondônia*. Dissertação de mestrado. Curso de Pós –Graduação em Sociologia. Porto Alegre:UFRS,1992;

NENEVÉ, Miguel.(org.). *Olhares sobre a Amazônia -Looking at the Amazon*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. *Visões da natureza: seringueiros e colonos em Rondônia*. São Paulo: EDUC,1999.

SANTOS, Nilson. *Seringueiros da Amazônia:sobreviventes da fatura*. Tese de Doutorado.São Paulo: FFLCH/USP,2002;

SILVA, Josué da Costa *et alli*. *O uso do solo de várzea: reflexões sobre cultura e produtividade*. IN: AMARAL, José Januário; CALDAS, F.L.(org.). *Pesquisa na Amazônia: intervenção para o desenvolvimento* (vol. 2). Porto Velho: Edufro,2002;